

ESTADO DE SÃO PAULO Malan nega mudanças drásticas Economia Brasil ou "pacote" na troca de governo 13 DEZ 1994

*Futuro ministro da
Fazenda diz que
inflação de 30% impede
a desindexação*

ALTAIR SILVA

O presidente do Banco Central (BC), Pedro Malan, assegurou ontem que não serão feitas mudanças drásticas na economia, muito menos "pacotes", seja em janeiro, fevereiro ou março. "Política econômica não se faz com surpresas", afirmou. A declaração foi feita durante o almoço de posse do presidente reeleito da Associação Brasileira de Bancos Comerciais e Múltiplos (ABBC), Antonio Hermann Menezes de Azevedo, em São Paulo. Questionado se falava como futuro ministro da Fazenda, Malan disse que era como presidente do BC.

Segundo Malan, ao contrário do que muitos pensaram, a política econômica tem um caráter expansionis-

ta e não recessivo. "O combate à inflação e o crescimento econômico podem ser feitos simultaneamente." O presidente do BC afirmou que o governo está disposto a flexibilizar as medidas de restrição ao crédito, mas que não pretende marcar nenhuma data. "Quero apenas dar uma idéia da direção em que vamos caminhar e não vamos pisar no freio mais do que já pisamos até agora."

Com relação à desindexação da economia, Malan deixou claro que estudos continuam sendo feitos, mas salientou que, enquanto a inflação estiver na casa de 30% ao ano, é impossível tomar essa decisão.

Embora um grupo de executivos financeiros avalie que as medidas de restrição ao crédito possam dar início a um processo de fusões e aquisi-

ções, reduzindo o número de bancos (atualmente são cerca de 240), nem todos pensam dessa forma. Na opinião do presidente da ABBC, Antonio Hermann, do Banco Itamarati, o mais provável é que o número de bancos aumente. Entre as razões,

aponta, pesa a expectativa de crescimento da economia, e com isso do fluxo de dinheiro.

Segundo o ex-presidente do BC no governo Sarney, Wadico Bucchi, na possibilidade de haver um processo de fusões e aquisições en-

tre bancos, este será um processo espontâneo. "Não restam dúvidas de que os bancos ganhavam com a inflação, e houve casos de imprudência, mas com o aumento do crescimento econômica também aumenta a necessidade de quem faça a intermediação financeira", contou.

SEM PISAR
MAIS NO FREIO
DO QUE ATÉ
AGORA